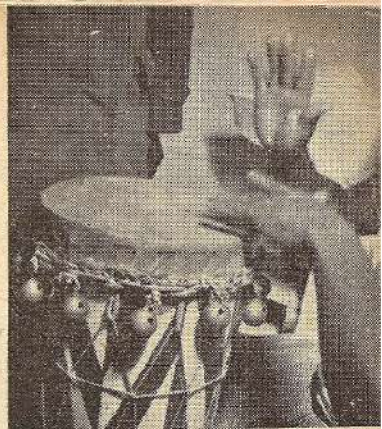


Ogum baixou no terreiro de "MÃE" APOLINÁRIA

Afro-gaúchos e teuto-brasileiros dão-se as mãos pela primeira vez no Rio G. do Sul, por iniciativa da Divisão de Cultura, durante a grande festa de Ogum

Rep. de CARLOS GALVÃO KREBS

Fotos de LÉO GUERREIRO



OS luso-brasileiros começaram a fixar-se no Rio Grande do Sul na primeira metade do Século XVIII. Já trouxeram o negro, como escravo. Aqui encontraram gado alçado em quantidade, originário dos rebanhos jesuíticos. Gado e coxilhas verdes, seja no pampa ou em cima da serra, mais o cavalo, possibilitaram a criação de uma economia regional, a pecuária, que até o presente está nos alicerces da riqueza do Estado. Desses luso-brasileiros, misturados aos elementos indígenas, surgiu o tipo do "gaúcho". E foi esse gaúcho quem conservou para nós a linha lusitana, flagrante e profunda em todo o nosso folclore. As adivinhas, as cantigas de roda nas cidades, e as danças folclóricas que os Centros de Tradições Gaúchas voltam a aprender e a divulgar, graças à atividade de Luiz Carlos Barbosa Lessa e João Carlos Paixão Côrtes.

Mas não foi só isso que sobrou para o Rio Grande do Sul. O Negro, com sua poderosa influência cultural, também está presente. Ainda depois dos luso-brasileiros e do Negro aqui aportaram os alemães, em 1824, e os italianos, em 1875. Esses são os mais importantes ramos técnicos e culturais que formam a nossa população. Todos eles trouxeram a sua contribuição valiosa. Por essa mistura de elementos tão ricos e tão variados, o Rio Grande do Sul está acentuando cada vez mais nitidamente a sua própria fisionomia cultural. Torna-se cada vez mais uma cultura gaúcha, no sentido de rio-grandense do Sul. Isto, sem perder em absoluto as suas profundas bases brasileiras, de origem lusitana. É o melhor que poderíamos desejar para nós. E, se assim pensarmos, convém auxiliar inteligentemente a fusão de todos esses elementos, facilitando o conhecimento recíproco e a aproximação cordial entre eles.

DE maneira geral os teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul estavam afastados dos elementos de origem negra. Eram duas heranças culturais que estavam apenas justapostas, jazendo lado a lado, praticamente sem conhecer-se. A passagem por esta Capital de Fritz Joede, uma das maiores expressões contemporâneas da música folclórica alemã, veio precipitar o primeiro contato.

A Divisão de Cultura, chefiada pelo Prof. Enio de Freitas e Castro, da

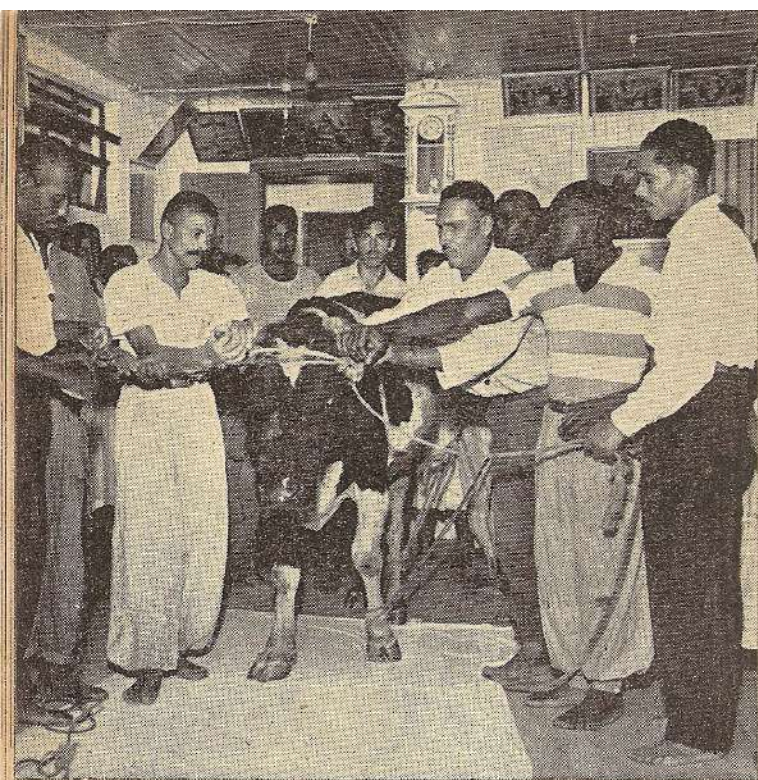


SACRIFÍCIO DE um galo e de um ovino para dois diferentes orixás. Cada um possui um rol de alimentos e de vítimas que "come", isto é, que recebe em oferenda. A economia, usos e costumes gaúchos influíram já nas oferendas rituais: há orixás que "comem" churrascos e erva-mate. Ademais, no R. G. do Sul, a calça ritual nas casas de nação (assim chamadas as casas de batuque) é a bombacha gaúcha, como traço evidente da economia baseada na pecuária.



"MÃE" APOLINÁRIA, envergando suas vestes rituais e seus colares de guia, domina, majestosa, a festa de Ogum, deus da guerra e do ferro.

ASSIM COMEM os deuses africanos. À esquerda, na vasilha, o fetiche do deus, com seus colares de guia e, eventualmente, sua representação em madeira. À direita, Apolinária sacrifica aos seus orixás, recebendo sobre o crânio o sangue e as penas das vítimas. É uma das coisas mais impressionantes do ritual.



SEQUENCIA da imolação do touro. O animal é introduzido na sala, levado pelos homens, pois é difícil controlá-lo



CASO o animal recuse o alimento será poupado: o orixá ou não quer comer ou não aceita a vítima por tal razão

OGUM... Cont.

Secretaria da Educação, solicitada para apresentar um programa de coisas nossas ao Prof. Fritz Joede, ofereceu-lhe em primeiro lugar uma demonstração de música e danças do Rio Grande do Sul, com a cooperação de elementos da "Estância da Amizade", do "35 — Centro de Tradições Gaúchas" e dos "Tropeiros da Tradição". Entusiasmado com a beleza das músicas e com a graça, riqueza plástica e sobretudo com a virilidade das nossas danças, Fritz Joede clamou pela urgente publicação de obras sobre o assunto. E vibrou ao saber que a última grande coleta na seara fôra obra de jovens (Luiz Carlos B. Lessa e J. C. Paixão Côrtes), e que o movimento tradicionalista se fizera principalmente pela força dos moços.

Depois do espetáculo, obedecendo ao programa oficialmente elaborado pelo Instituto de Tradições e Folclore, da Divisão de Cultura, acompa-

nhado pelo Dr. Hans Joachim Hagemann, Cônsul da República Federal da Alemanha em nossa Capital, professor Henrique A. W. Bunse, da Universidade do Rio Grande do Sul, Max Maschler, de São Leopoldo e G. Schmeling, de Hamburgo Velho, o Prof. Fritz Joede teve oportunidade de visitar e conhecer intimamente a "matança", cerimônia ritual do sacrifício de animais, numa casa de culto afro-gaúcho. Foi escolhida a casa de "mãe" Apolinária Batista, onde, para fins de estudo, documentação e boa divulgação nós pessoalmente gozamos de ampla liberdade. E, se foi escolhida uma cerimônia de culto, foi por ser justamente no culto, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, que se manifesta de maneira mais flagrante a nossa herança africana, a vitalidade espantosa das culturas negras, com suas crenças, suas músicas, suas danças rituais e — sobretudo! — com sua estupenda riqueza rítmica.

Maravilhado, Fritz Joede exclamou: — Convenço-me de que o Brasil é

realmente um país de profundas forças misteriosas. É a primeira vez que assisto a uma cerimônia destas. Será difícil bani-la da memória e do ouvido!

Desdobrando-se em atividade, dando aulas e regendo corais da manhã à noite, na Capital e cidades próximas, de origem alemã, foi impossível a Fritz Joede comparecer à grande festa pública no "terreiro" de Apolinária, em honra de Ogum, deus africano da guerra e do ferro. A festa se realizou, como tradicionalmente, na noite de 23 de Abril, dia de São Jorge, santo católico ao qual Ogum está identificado do Rio até o Sul do país. Mas a ela compareceu um grande grupo de alemães, pertencentes ao Consulado desta Capital, assim como de teuto-brasileiros. Se dizemos "teuto-brasileiros", o gentílico "teuto" não significa que não os consideramos bons e bem brasileiros: é apenas para indicar-lhes a origem étnica. Todos se mostraram interessadíssimos, não escondendo a satisfação por terem tido a oportunidade que lhes era oferecida. Ainda mais: um bom número solicitar novas oportunidades, para conhecer as crenças e rituais afro-gaúchos mais a fundo.

No decorrer da festa "mãe" Apolinária convidou todo o grupo para provar as "comidas de santo", isto é, os alimentos sagrados, preparados com a carne das vítimas sacrificadas aos orixás durante a matança. Ao redor de uma grande mesa, farta e variada, acompanhados pela Srta. Marina Santana, Assistente do Diretor da Divisão de Cultura, reuniram-se os Srs. Erwin Robby e senhora, Profa. Marta Baumgart, Sr. Hans Karl Beste, Sra. Helga Mathes, Prof. Henrique Bunse, da Universidade do Rio Grande do Sul, Sra. Tony Haybock, Sr. Ludwig Sarrazin e senhora, Srtas. Nora e Vera Ther Thielen, Srta. Astrid Baumgart, Srs. Jacques Bourquin e Jean Clude Pannel, o compositor gaúcho Natho Hehn e muitas outras pessoas cujos nomes não pudemos anotar. Além de sanduíches, cervejas e refrigerantes, foram oferecidos galos, galinhas, acarajés quentinhos e amalá. Parece que

MARILU, FILHA de Apolinária, pertence à religião. Viviss'ma, conhece tudo acerca do culto. Come com a mão, segundo a tradição africana.

UM ORIXÁ, ocupando o corpo de seu "cavalo de santo" (de costas), abençoa e "limpa" males de um presente. O santo é um dos "bará".

